
EDITORIAL

A presente edição da Revista Comsertões surge em um período agonístico da história de nosso país. Trata-se de um momento histórico, instante de grande conflagração, de instabilidade no campo sociopolítico e econômico, com ameaças externas e internas, com a ofensiva econômica da Extrema Direita que está no poder no país mais poderoso do planeta Terra. Pela primeira vez na relação entre os Estados Unidos e o Brasil, esgarçar-se uma crise diplomática sem precedentes, imprevista, porquanto rompe o acordo tácido, solidamente construído, entre o Império e seus subordinados. O Poder Judiciário Brasileiro, sua Suprema Corte, foi atingido de maneira injustificável pelo império estadunidense. O Governo brasileiro resiste e defende vigorosamente sua soberania, mas sabemos que a luta é desproporcional e as possibilidades de catástrofe não são subestimáveis.

Nessa grande escala, há pouco o que se fazer, de nossa parte: assim como temos pouco poder de ação para fazer cessar o genocídio do povo palestino. Enquanto essas linhas estão sendo escritas, há uma multidão de civis, mulheres, crianças, condenadas à morte, à fome e ao desespero na faixa de Gaza, sob a complacência do mundo globalizado e o apoio irrestrito dos EUA ao Estado genocida de Israel. São situações como essas que nos dão a dimensão da nossa impotência: nós que produzimos conhecimentos contracoloniais, decoloniais; nós, que gritamos um sonoro e retumbante não, com toda a força de nossos pulmões e todo o tremular tamborilante de nossos dedos nos teclados dos notebooks, e publicamos artigos em revistas de circulação restrita ao mundo acadêmico. Nós, que nos surpreendemos com a recente demonstração de sobrevivência do movimento bolsonarista, a despeito de tudo o que já se passou e já se viveu. Nós que, temo dizer, nos desesperançamos. Diante dessa grande escala, não há muito o que fazer. Ainda assim, mundos possíveis são habitados. E a Revista Comsertoes aponta para esses mundos possíveis.

Do lado de cá, em menores escalas espaçotemporais, essa edição da Comsertões nos faz lembrar de outras batalhas, de outras formas de violência e de formas de lutas específicas, visto que avança em questões que afligem o cenário educacional de modo complexo e

transversal. Apontar caminhos possíveis é revisitar a memória, reimaginar, recriar eventos e personagens que foram invisibilizados pelo motor colonizador e modernizante do século XX nos territórios Semiáridos. É o que propõe João Lira, no texto **Imaginando Mariquinha Fonfon**, a partir de um processo metodológico de recriação da história de Mariquinha em duas versões possíveis, a partir dos relatos orais e da ausência de registros oficiais, evidenciando, de certo modo, uma expressão da violência colonial modernizadora. Também no artigo **A formação do pedagogo para lidar em situações de abuso sexual infantil: a percepção de formandos**, Gilvânia Patrícia Paixão, Rafaela Freitas, Niquele Bonfim e Josenilde Damascena vão abordar uma forma recorrente de violência, muitas vezes invisibilizada na família e de como parte dos estudantes de Pedagogia não se sentem preparados para lidar com tais situações.

No texto **Depressão em idosos hospitalizados: um estudo a partir do referencial da psicanálise**, Renan Mota Silva, Elenson Gleison de Souza Medeiros e Bruno de Cardoso de Menezes Bahia retratam a triste realidade de um vazio existencial que atinge a terceira idade, vítima do descaso em uma sociedade marcada pelo culto à juventude. Assim escrevem os autores: “Diante de uma situação de hospitalização, fator este que por si só implica em perdas, no caso, da saúde, do convívio familiar e a ameaça de perda da vida, configuram momento de significativa importância para se identificar a clínica desses estados depressivos”.

Se há algo em comum sobre esses textos, aparentemente desconexos entre si, é que há múltiplas formas de violência no presente e no passado, e embora uma sensação de impotência diante do perigo pareça estar em nosso horizonte de expectativas, podemos contar com o insurgente, o transversal, o inclassificável, aquilo que parece fluido, improvável, e ainda assim, sirva de instrumento de luta para combater o grande inimigo: no recente caso dos ataques à soberania brasileira, o inimigo é a ameaça do império estadunidense com o chamado “tarifaço”, contra o qual emergiu a sagaz e bem humorada frase do presidente Lula: “Vou levar jabuticaba pra você, Trump!”. Em uma explícita referência a singularidade brasileira, na defesa incontestada de sua soberania.

Nesse sentido, o artigo **Vozes do povo Xukuru Kariri: educação contextualizada como ferramenta de luta pelos direitos**, de Alice Zucchi, Giovanni Cattin e Edmerson dos Santos Reis, poderia pertencer ao conjunto de artigos, aqui e alhures, que expressam formas insurgentes de resistência, de combate ao

estereótipo, como assim podemos ler: “As falas revelam críticas às representações estereotipadas e aos processos históricos de marginalização, ao mesmo tempo em que afirmam saberes próprios e reivindicam direitos fundamentais. A pesquisa destaca a importância de práticas educativas contextualizadas como ferramenta de resistência e afirmação cultural, promovendo a desconstrução de preconceitos e a valorização das epistemologias indígenas.”

Por seu turno, o artigo de Enjolras de Oliveira, **Belo sertão: referências estéticas para processos criativos em dramaturgias, visualidades e poéticas de encenação nas artes cênicas**, explora essas possibilidades de reinvenção nas artes cênicas, quando os autores procuram friccionar as representações hegemônicas e os preconceitos sobre o Semiárido a partir do teatro. Além disso, o texto vai narrar “algumas histórias como a do cangaço e do messianismo que servem para criações dramáticas assim como para a construção imagética de um espetáculo em que se configura as visualidades, como: figurino, maquiagem, adereços de cena, cenografia e iluminação.”

É possível também através da arte apontar para a convivência entre formas dominantes e formas contrahegemônicas de representação dos sertões. No texto de Isael de Sousa Pereira, Glenda de Sousa Leal e Maria Edislene Silva Macedo **Cinema no piauí: uma análise dos signos representativos do piauiense no filme ai que vida (2008)**, o filme analisado vai nessa direção: “Na produção piauiense, por diversos momentos, vimos a representação de uma paisagem esverdeada e florida, presente desde o início do filme, sendo um diferencial em relação às produções audiovisuais relacionadas ao sertão nordestino anteriormente apresentadas”. E ainda assevera que: Há momentos em que é possível observar poças de água no chão, o que indica a ocorrência de chuva em um momento próximo às gravações, fato que culminou na não exploração da seca.”

Contamos também com a resenha de Emanuelle Matias, **Para continuar a pensar em currículo, contextualização e aprendizagem**, que destaca uma importante coletânea de produção do pensamento do PPGESA, sua contribuição para fazer emergir as questões que tanto marcam os contextos de ensino-aprendizagem dos territórios Semiáridos.

Por fim, a *Revista Comsertões* agradece imensamente ao fotógrafo Luiz Alves que, generosamente, nos cedeu a sua belíssima fotografia para a capa dessa edição. A imagem expressa, entre tantas outras interpretações, a potência de ressignificação daqueles que estão em prontidão de pescaria: “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer

a morte”, como nos ensinou Gilberto Gil, convocando-nos a um estado permanente de atenção. Que a alegria do pôr-do-sol nos revele sinais de rico aprendizagem em um tempo-dia tão intensivamente desafiador.

Uma boa leitura!

João José de Santana Borges (editor-gerente da Revista Comsertões)